

Lucas Rafael\*

## Sertão teu, Sertão meu, Sertão de nós

Mote: **Isabelly Moreira** (Belinha)

Glosas: Lucas Rafael

O Sertão das Belinhas e dos Lucas,  
 Das Marias, Josés... da nossa gente!  
 Das maleitas, quebrantos, mal assombros,  
 Dos períodos de chuva e de sol quente.  
 O Sertão onde a arte faz comboio,  
 Onde, um dia, meu vô deu um aboio  
 Pra que o gado escutasse a sua voz.  
 O Sertão que nos une e faz vigília  
 Como se a gente fosse uma família...  
**Sertão teu, sertão meu, sertão de nós.**

O Sertão nunca foi um Sertão só,  
 Pois há grandes Sertões. Já percorri  
 O Sertão do Araripe, o Moxotó,  
 O Sertão sonhador do Cariri,  
 E o Sertão provençal do Pajeú,  
 Onde Louro cantando com Xudu  
 Fez o verso cansar de ser veloz...  
 Outros tantos poetas se inspiravam,  
 E as violas, gemendo, ponteavam  
**Sertão teu, Sertão meu, Sertão de nós.**

No Sertão onde as cascas são de bala,  
 Mulungu, de umburana e umbuzeiro,  
 Onde os pés a serviço do xaxado  
 Também são do forró e do piseiro.  
 O Sertão das novenas, das quermesses,  
 Das seis horas no cântico das preces  
 Por quem nunca, na fé, sentiu-se a sós.

O Sertão das mais límpidas escolhas  
Quando o pente do vento varre as folhas...  
**Sertão teu, Sertão meu, Sertão de nós.**

Esses grandes Sertões dimensionados  
Nos jagunços em volta das tocaias,  
Nas sandálias de couro e nos chapéus,  
Nos vestidos compridos e nas saias,  
Onde a reza mais serve de consulta  
No mistério da terra que se avulta  
Entrançada por cercas de avelós,  
Da receita caseira da pratada  
De cuscuz que já vem com carne assada....  
**Sertão teu, Sertão meu, Sertão de nós.**

O Sertão onde as chuvas de janeiro  
Já começam pra cá do dia seis,  
O Sertão dos castelos de coivara  
Onde muitos preás se tornam reis,  
Reis nos versos dos vates sertanejos  
Que das longas estradas são andejes,  
Vitimados da fúria de outros sóis.  
O Sertão de João Paraibano  
Não esquece de Zé de Mariano...  
**Sertão teu, Sertão meu, Sertão de nós.**

E os loucos de São José do Egito?  
Cada um destacado em sua cena.  
Todos eles em vida merendaram  
Na cozinha de Louro e Dona Helena.  
De Milonga me lembro quando narro:  
Procurando as piolas de cigarro,  
Ele andava fazendo quiproquós.  
Esses loucos mais simples são estetas,  
Um modelo avançado dos poetas...  
**Sertão teu, Sertão meu, Sertão de nós.**

O Sertão das mulheres que não têm  
Respeitadas as dores do seu rosto,  
Que preparam café, almoço e janta

Temperando as comidas com desgosto.  
Sufocadas em sua própria essência,  
Têm na pele os sinais da violência  
Praticada debaixo dos lençóis.  
O Sertão que não se desfez das marcas  
Da cultura imoral dos patriarcas...  
**Sertão teu, Sertão meu, Sertão de nós.**

O Sertão das crianças que não podem  
Esquecer de brincar, de andarem juntas,  
Pois vocês, meninas, é que devem  
Sacudir este mundo com perguntas.  
Vocês são da colheita nossos pomos,  
Vocês vão muito além do que nós fomos,  
Nós, adultos, cansados, sem ter voz.  
Leiam muito e divirtam-se. Prossigam!  
Tenham paz e, de vez em quando, digam:  
**Sertão teu, Sertão meu, Sertão de nós.**

Nós podemos andar o mundo inteiro,  
No entanto é preciso ter em mente  
O lugar que nos viu nascer primeiro  
Quando a gente brincava de ser gente.  
Eu afirmo do jeito mais bonito  
Que sou filho de São José do Egito,  
Sertanejo conforme meus avós,  
Foi aqui que plantaram meu umbigo.  
Quanto mais eu vou longe mais eu digo:  
**Sertão teu, Sertão meu, Sertão de nós.**

\* Lucas Rafael Leite da Silva, conhecido no meio artístico como Lucas Rafael, nasceu em 1995, em Afogados da Ingazeira, Pernambuco, mas reside em São José do Egito (Pernambuco/Brasil) há mais de vinte anos, onde desenvolve seus saberes poéticos. É autor do livro de poemas intitulado “Efêmero”, lançado em 2017, pela Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), além de um livreto intitulado “Viver e conviver”, lançado em 2013, ano, inclusive, em que deu início à sua participação em mesas de glosas, estilo de poesia improvisada a *palo seco*, isto é, sem o auxílio de nenhum instrumento, senão a voz. Participa frequentemente de eventos ligados à poesia, especialmente de recitais em institutos, escolas, praças, etc.